

pode deixar, por isso, de constituir uma leitura importante, pela fecundidade da reflexão que apresenta e proporciona.

**Clara Santos**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Paula M. Barrett e Thomas H. Ollendick (eds.). 2004. *Handbook of Interventions That Work With Children and Adolescents: Prevention and Treatment* Chichester: John Wiley & Sons. 555 pp. ISBN: 0-470-84453-1**

Este é um manual exaustivo e actual sobre prevenção e tratamentos eficazes para a infância e adolescência. Durante vários anos, a investigação acerca dos resultados da terapia incidiu, essencialmente, sobre os adultos, em detrimento das crianças e adolescentes, salientando-se, simultaneamente, a inexistência de programas eficazes de prevenção para estas idades.

Há meio século atrás, E. E. Levitt fez uma revisão da literatura sobre a psicoterapia infantil e concluiu que as práticas psicoterapeutas em voga, naquela altura, não eram mais efectivas que a simples passagem do tempo. Esta conclusão, polémica e provocadora, teve, contudo, o mérito de conduzir ao questionamento da viabilidade da psicoterapia, sendo responsável pelo desenvolvimento de inúmeras pesquisas que se traduziram em progressos na psicopatologia infantil, na nomenclatura de diagnóstico psiquiátrico, na avaliação e práticas de tratamento e nos planos experimentais do estudo dos processos e resultados do tratamento. Actualmente, existe um largo consenso que a psicoterapia com crianças e adolescentes tem benefícios visíveis sobre a vida das crianças e respectivas famílias. De forma consistente, a revisão de estudos mais recentes demonstra que os resultados da terapia com crianças e adolescentes ultrapassam os efeitos da condição de lista de espera e de atenção-placebo. Paralelamente, têm mesmo demonstrado que umas formas de terapia são mais eficazes (funcionam melhor) que outras. Como consequência desta evolução, a questão deixou de ser 'se a psicoterapia funciona nas crianças' para dar lugar à identificação da

eficácia de intervenções clínicas *específicas* para crianças que apresentam problemas comportamentais, emocionais e sociais *específicos* também. Por outras palavras, o interesse tem-se movido da questão genérica, se a psicoterapia funciona de uma forma geral para todas as crianças, para uma questão mais especificamente orientada que procura determinar a evidência empírica para os vários tratamentos disponíveis e as condições sob as quais esses tratamentos são efectivos. Nesta linha de pensamento e numa época de especial desenvolvimento da investigação sobre a psicoterapia infantil, os diversos capítulos do livro editado por Paula M. Barrett e Thomas H. Ollendick apresentam o estado da arte na área de intervenção clínica de diversos problemas e perturbações infantis.

Paula Barrett, portuguesa de nascimento, a trabalhar actualmente na Universidade de Griffith, na Austrália, esteve entre nós no ano passado, convidada pelo Instituto Miguel Torga a participar na Conferência *2 Discursos Terapêuticos*. Nessa altura, tivemos já oportunidade de conhecer o seu percurso pela área clínica e de investigação, emergindo a sua reputação internacional, enquanto autora de diversos trabalhos no domínio da psicologia clínica infantil, destacando-se a investigação sobre a eficácia da terapia e o seu contributo para a elaboração de programas de prevenção utilizados na Austrália, Europa e Estados Unidos. No seu conjunto, este corpo de investigação tem tido um impacto expressivo não apenas no tratamento da ansiedade na infância, mas também no que concerne a políticas públicas de investigação. Paula Barrett é autora principal do programa FRIENDS reconhecido, no mundo inteiro, como uma das melhores práticas de tratamento (com evidência empírica) da ansiedade e depressão nas crianças e adolescentes.

Uma palavra também para Thomas Ollendick, professor universitário e director do Centro de Estudos da Criança em Virgínia, Estados Unidos da América, pioneiro e promotor inequívoco do desenvolvimento desta área do conhecimento. Vencedor de diversos prémios, o seu interesse pela clínica e pela investigação estende-se, desde o estudo de diversas formas de psicopatologia infantil, até à avaliação e tratamento destas perturbações infantis, segundo uma perspectiva sócio-cognitiva.

Esta obra constitui um exemplo notável de colaboração, no plano da investigação para

além fronteiras, reunindo conceituadas autoridades internacionais que nos expõem uma perspectiva dos seus planos de tratamento e de prevenção.

O livro é constituído por três partes distintas. A Parte I (Contemporary Issues Related to Competent Clinical and Research Practice) diz respeito aos fundamentos teóricos de tratamentos eficazes com crianças e adolescentes. Especificamente, no capítulo 1, é abordado, por T. Ollendick e N. King, o que constitui um tratamento ou intervenção com base empírica, discutindo algumas questões críticas associadas a este tema, como, por exemplo, a superioridade de eficácia de uns tratamentos em relação a outros, a utilização de manuais ou protocolos de tratamento e respectiva formação do terapeuta e, por último, a possibilidade de transportar os tratamentos dos locais de investigação para o contexto clínico. Algumas tensões permanecem acerca de cada uma destas questões, apresentando, os autores, vias de reaproximação entre o laboratório e os estudos clínicos. Não é demais lembrar que as crianças e respectivas famílias que procuram ajuda clínica merecem uma atenção concertada, no sentido de uma síntese profícua destas abordagens, com o objectivo de transformar os resultados de laboratório em práticas clinicamente sensíveis e enriquecidas.

Os tópicos desenvolvimentistas que devem estar subjacentes às práticas com evidência empírica são o foco central do capítulo 2, escrito por G. Holmbeck, R. Greeley e E. Franks ('Developmental Issues in Evidence-Based Practice'). Os autores articulam a importância de ajustar os tratamentos psicológicos ao nível desenvolvimental da criança ou adolescente, salientando, igualmente, a utilidade dos aspectos desenvolvimentais no plano de avaliação das abordagens de tratamentos. Desta forma, os autores fornecem recomendações muito úteis para os investigadores e clínicos, ilustrando como o próprio desenvolvimento do indivíduo pode, ainda, desempenhar um papel moderador ou mediador sobre os resultados do tratamento.

O capítulo 3 ('Assessment and Diagnosis in Evidence-Based Practice'), da autoria de W. Silverman e L. Saavedra, procura elucidar os procedimentos de avaliação e diagnóstico que devem ser utilizados numa prática com base empírica. Neste sentido, são analisadas, de forma crítica, questões nucleares,

como a classificação dos problemas da infância em perturbações de carácter exteriorizado (*externalizing disorder*) e de carácter interiorizado (*internalizing disorder*), o modo como a classificação influencia os métodos de avaliação e de diagnóstico e, ainda, a importância da sensibilidade desenvolvimental inerente aos procedimentos de avaliação em geral. Na verdade, enquanto este capítulo se debruça sobre a avaliação e o diagnóstico e o seu contributo para a prática psicológica, o capítulo seguinte vai analisar o tema complexo e multifacetado da avaliação (a diferentes níveis) dos tratamentos ou intervenções terapêuticas.

Neste capítulo 4 ('Evaluation Issues in Evidence-Based Practice'), de N. Singh e D. Oswald, é dada uma perspectiva sobre os diferentes níveis inerentes ao processo de avaliação de uma intervenção: avaliação da eficácia, efectividade, custos-benefícios, grau de ajustamento, resultados do tratamento, evidência prática. E são levantadas questões, como 'o que é um tratamento eficaz?', 'como escolher um determinado tratamento em detrimento de outro?' e debatidos aspectos metodológicos inerentes a este tipo de investigação.

A terminar esta primeira secção, R. Sonderergger e P. Barrett exploram, no capítulo 5 ('Assessment and Treatment of Ethnically Diverse Children and Adolescents'), a importância dos factores culturais nos tratamentos ou intervenções clínicas. Este ponto é, cada vez mais, pertinente, numa época em que as sociedades são essencialmente caracterizadas pela diversidade e pluralidade cultural. Com o contínuo influxo de migrantes e refugiados em diversos países do mundo, existe uma crescente necessidade de adequar a investigação, em termos culturais, no sentido de identificar as necessidades das famílias expatriadas e melhor compreender a forma como os factores culturais influenciam o desenvolvimento de sintomas psicológicos, o processamento cognitivo e a expressão de comportamentos. Neste contexto, são revistos alguns estudos contemporâneos transculturais e discutidos aspectos relevantes para uma adequada avaliação e prática clínica.

A Parte II (Treatment Status for Specific Emotional and Behavioural Disorders), constituída por mais 12 capítulos, oferece protocolos de tratamento com uma base empírica, para um conjunto de problemas de compor-

tamento. Investigadores e clínicos, reconhecidos como autoridades nas suas áreas, abordam diversas entidades nosológicas, como a perturbação de ansiedade generalizada (cap.6, J. Hudson, A. Hughes e P.C. Kendall); a perturbação de ansiedade de separação (cap.7, S. Mattis e D. Pincus); a perturbação de ansiedade social (cap.8, T. Morris); a perturbação obsessivo-compulsiva (cap.9, P. Barrett, L. Healy-Farrell, J. Piacentinni e J. March); a perturbação de stress pós-traumático (cap.10, S. Perrin, P. Smith e W. Yule); a recusa da escola (cap. 11, D. Heyne e N. King); a fobia específica (cap.12, T. Ollendick, T. Davis III e P. Muris); a perturbação depressiva major (cap.13, L. Seligman, A. Goza e T. Ollendick); as perturbações de abuso de substâncias (cap.14, H. Waldron e S. Kern-Jones); a perturbação de défice de atenção e hiperactividade (cap.15, K. Wells); a perturbação de oposição e desafio (cap. 16, R. Greene, J. Ablon, J. Goring, V. Fazio e L. Morse); por último, a perturbação do comportamento (cap.17, R. McMaddon e J. Kotler). Em cada um destes capítulos, depois de uma breve descrição da perturbação em causa, é fornecida, com grande detalhe, a avaliação e o tratamento de cada uma das perturbações. De igual modo, é dada especial atenção às estratégias de avaliação que possuem suporte empírico e demonstraram uma sensibilidade aos aspectos desenvolvimentais e culturais. Para além disso, os leitores dispõem ainda de informação pormenorizada acerca de como conduzir o tratamento e, em alguns casos, são mesmos apresentados excertos de manuais de tratamento. No seu conjunto, esta secção poderá ser de grande utilidade prática.

Finalmente, a Parte III, intitulada *Prevention Initiatives for Specific Emotional and Behavioural Disorders*, examina os programas de prevenção que procuram intervir em alguns problemas psicológicos, manifestados por crianças e adolescentes, antes de se tornarem uma perturbação clínica autónoma. Especificamente, são destacados os programas de prevenção para as perturbações de expressão interiorizada que conduzem à ansiedade e depressão (cap. 18, P. Barrett e C. Turner) e a problemas de carácter exteriorizado, como as perturbações de oposição e desafio (cap. 19, R. Prinz e J. Dumas), perturbações do comportamento (cap. 20, M. Sanders, C. Dadds, K. Turner e A. Ralph) e, ainda, as perturbações de abuso de substâncias (cap.21, C. Essau).

Não obstante a extensão deste volume (555 páginas), a presente obra é de grande utilidade prática, apresentando diversos quadros e figuras que facilitam ao leitor um acesso rápido a sínteses claras de informação conceptual, dados de investigações empíricas e instrumentos mais relevantes de avaliação e estratégias de intervenção. Em conclusão, podemos afirmar que existe uma evidência encorajadora de que é possível intervir, com sucesso, ao nível psicossocial, com crianças e adolescentes que apresentam já uma perturbação psiquiátrica e, igualmente relevante, prevenir a ocorrência, pela primeira vez, de algumas destas perturbações. Na globalidade, dada a diversidade de informação disponível, a credibilidade dos seus autores e a contemporaneidade da informação, esta obra torna-se indispensável para todos aqueles que se encontram ligados à investigação e prática clínica ou, de alguma maneira, envolvidos na política educativa e de saúde para a infância e adolescência.

**Marina Cunha**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Dalmiro Bustos. 2005. *Manual Para Un Hombre Perdido: El Hombre del Siglo XXI y Su Identidad*. Buenos Aires: Letra Viva. 153 pp. ISBN: 950-649-105-4.**

Dalmiro Bustos, psiquiatra e psicodramatista argentino, considerado o legatário de Jacob Levi Moreno na América Latina, procura, neste livro, reencontrar(-se) (n)a identidade do homem que julga sentir-se perdido, marcado por mitos e profecias (auto-realizáveis?), ao longo da história. Baseando-se na investigação decorrente da sua prática clínica, com homens de diferentes idades e diferentes origens socioculturais, o autor vai mergulhar na intimidade ou realidade do sentir masculino, fazendo emergir os mitos e valores que o povoam.

Convicto que os mitos antecedem o conhecimento e que o seu enraizamento baseia-se no facto de não necessitarem de demonstração alguma, o autor parte do significado da palavra que melhor se ajusta ao seu pensar – do grego *mythos*, significando relato ou narrativa de origem remota e significa-